

1 O Plano Cerdà

16

Os interiores dos quarteirões: de Cerdà ao 22@

Introdução ao Plano Cerdà

Ildefons Cerdà (1815-1876) foi engenheiro de caminhos, canais e portos, que soube combinar a teoria e a prática. Teve uma visão antecipatória da evolução do território da antiga província de Barcelona e foi o primeiro a utilizar instrumentos urbanísticos modernos, interpretando detalhadamente a realidade existente e formalizando estudos empíricos de outras cidades para definir o novo projeto de Barcelona.

Cerdà acreditava na formulação teórica de estudos sobre uma cidade e seus trabalhos de maior destaque foram a “Teoria da construção das Cidades”, de 1859 e a “Teoria Geral da Urbanização”, de 1867. Em relação à complexidade do estudo das cidades, Cerdà¹ aponta que

“la formación del proyecto de una nueva población y más principalmente el crecimiento de una preexistente, es de las cuestiones más complejas y transcendentales que pueden ofrecerse a un Ingeniero, porque en él ha de sujetarse a las condiciones de salubridad, comodidad y economía de los habitantes, cuidando muy particularmente de armonizarlas con los intereses creados de antemano de manera que no vengan a sufrir el menor quebranto”.

Seu principal projeto, o Ensanche de Barcelona, proposto em 1859, foi pioneiro na Teoria da Urbanística Moderna. Cerdà estudou a cidade com um pensamento integral, coerente e equilibrado, tendo sempre o cidadão como referência e por isso, sua proposta resultou em uma verdadeira refundação da ci-

dade, tanto pela essência quanto pela escala de sua idéia. O Ensanche constitui hoje o grande centro moderno e referência permanente para o futuro de Barcelona.

A partir destas idéias, ele desenvolveu três componentes básicos:

-A vontade higienista, baseada na situação urbana daquele momento. Na memória de seu trabalho consta uma profunda análise geográfica e urbanística da cidade que dará mais consistência à sua proposta. Conta também com um estudo comparativo de outras cidades, já que o próprio Cerdà vê como

“necesario estimular continuamente la capacidad racional con datos empíricos para obligar al urbanista a mantener una estrecha relación con la realidad”².

-O segundo componente é a circulação. A preocupação com o movimento origina uma hierarquia de ruas bem definidas e amplos cruzamentos em chaflan.

-A terceira idéia é a de “cidade nova”, que permite uma condição de igualdade entre os moradores, uma cidade higiênica e funcional proposta para o território livre e também para a reforma da cidade existente.

Cerdà executou em 1855 um minucioso plano topográfico da planície de Barcelona, o qual foi base para seu projeto que compreende toda a extensão do território, o que demonstra sua valorização pela idéia metropolitana e seu pensamento da nova cidade como um organismo aberto e relacionado com seu entorno.

¹ Cerdà, Ildefonso. (1859). *Teoria da construção das Cidades*. Barcelona, p. 1281.

² Cerdà, Ildefonso. (1859). *Teoria da construção das Cidades*. Barcelona, p. 1277.



Fig. 1.2- Plano dos arredores da cidade de Barcelona, 1855 por Ildefons Cerdà.

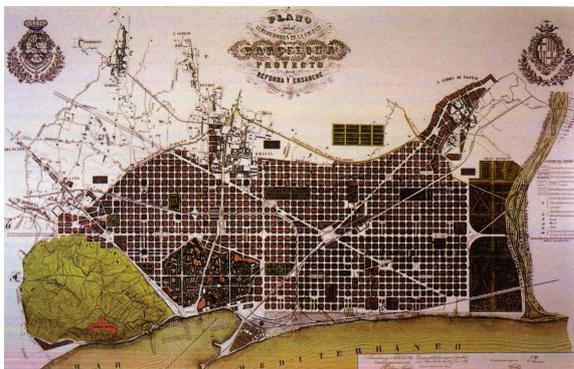


Fig. 1.3- Projeto de Reforma do Ensanche de Barcelona, 1859 por Ildefons Cerdà.

A proposta de Cerdà para este espaço natural é forte e regular, consistindo numa estrutura de traçados sobrepostos, que estabelecem diferentes níveis de serviços. O traçado base é composto por quarteirões distribuídos em eixos de 113,3m intercalados com ruas de 20m de largura. O traçado regional compõe-se de avenidas de 50m, que configuram as diretrizes fundamentais do projeto e concebem a cidade na escala global.

O tecido urbano resultante está definido pelas “vias” e “intervias”. As primeiras são os



Fig. 1.4- Construção da Gran Via de Barcelona, 1873.



Fig. 1.5- Urbanização do Passeio de Gracia, 1870-1879.

espaços de circulação distribuídos em todas as direções, e em oposição estão as “intervias”, onde se realizam as edificações e equipamentos. Cerdà³ descreve que *“en cada uno de los espacios aislados por las vías urbanas existe un pequeño mundo, una pequeña urbe, o urbe elemental si se quiere, que en su conjunto y sus detalles convive la más admirable analogía y hasta semejanza con la gran urbe”*. O equilíbrio e a harmonia destes dois elementos devem resultar na maior perfeição possível para beneficiar a formação e desenvolvimento da cidade⁴.

³ Cerdà, Ildefonso. (1867). *Teoria Geral da Urbanização*. Barcelona, p. 363.

⁴ Cerdà, Ildefonso. (1867). *Teoria Geral da Urbanização*. Barcelona, p. 352.



Fig. 1.6- Comparação entre o tecido regular do Eixample central e o irregular da Ciutat Vella.

O Pensamento econômico de Cerdà demonstra seu cuidado com a viabilidade dos projetos. Mas a afirmação do Eixample como setor específico da cidade se deu através das Comissões Especiais do Eixample, liberadas a partir da nova Lei de Eixamples de 1892, que será a ferramenta mais potente para iniciar uma maior racionalidade na gestão da urbanização deste setor.

Como é de se imaginar, o processo de execução do Eixample foi lento e difícil e, com o tempo, o crescimento demográfico e industrial da cidade demandaram projetos de extensão e complementários em relação ao

Plano Cerdà. Tais projetos têm seus méritos próprios, facilitados pela flexibilidade da quadricula que se converte em suporte para estas iniciativas.

O projeto de Garcia Faria de 1891 resulta em um estudo sobre o saneamento integral de Barcelona, idéia conceitual introduzida por Cerdà. Este projeto foi um importante suporte para o desenvolvimento do Eixample e demonstrou as formas de defender o progresso da cidade garantindo a higiene e saúde públicas, totalmente compatíveis com o Plano Cerdà.

O levantamento topográfico completo e atualizado realizado por Vicenç Martorell em 1925 conseguiu apresentar com precisão um conhecimento sobre as importantes transformações ocorridas na planície de Barcelona desde a aprovação do Plano Cerdà. Estabeleceu bases para a complementação das obras do Ensanche e visualizar mais claramente o desenvolvimento das obras.

O projeto apresentado por Leon Jaussely de 1907 responde à necessidade de uma mudança de escala da constituição urbana devido à incorporação de municípios à Barcelona e articula um sistema de avenidas que formaliza a conexão entre eles. As chaves deste projeto incluem a zonificação de atividades, a sistematização dos espaços verdes e o desenho de ruas e passeios. Jaussely engrandece as idéias consolidadas de Cerdà e implanta uma ligação notável entre os núcleos urbanos adjacentes.

Já o Plan Macià da GATCPAC, realizado por Josep Lluís Sert e Le Corbusier em 1934, procura abrir a cidade para um território mais amplo, tendo como suporte elementos urbanos já existentes. Reinterpretam a trama de Ensanche para ampliar-la, estabelecendo uma lógica de especialização das ruas através dos “macro-quarteirões”. Utilizam alguns princípios da arquitetura moderna como padrões de composição urbana e apresentam inovações funcionalistas compatíveis com o Plano Cerdà que objetivam renovar Barcelona.

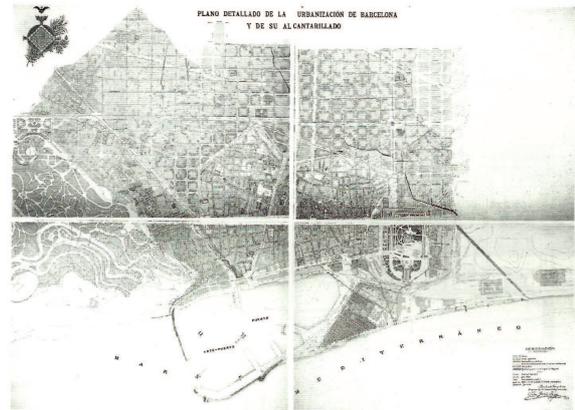


Fig. 1.7- Projeto de Garcia Faria que solucionou os problemas das inundações na planície da cidade, 1891.

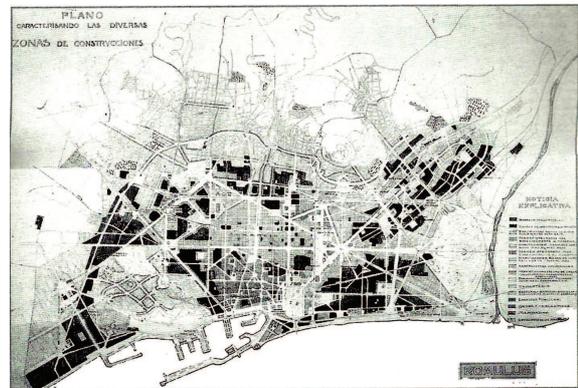


Fig. 1.8- Plano de Leon Jaussely, 1907.

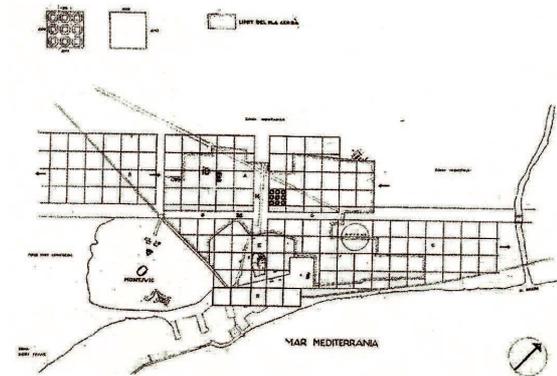


Fig. 1.9- Plan Macià da GATCPAC, 1934.

Assim, a nova cidade será desenvolvida em três fases principais: ordenação do solo, construção das vias e serviços, e edificação. A execução do Ensanche requer um estudo próprio e mais de 20 anos de dedicação de Cerdà, e, apesar de sua aprovação comprometida, origina uma cidade central admirável. O projeto do Ensanche de Barcelona é ao mesmo tempo o mais radical, o mais ambicioso e o mais extenso que se realiza na Europa em relação às dimensões da cidade antiga⁵.

O modelo proposto baseia-se na continuidade da forma urbana, das infra-estruturas, das formas residenciais e formas produtivas, todas expressadas no objetivo ideal de “fazer a cidade mais rural e urbanizar o campo”. Ao mesmo tempo, o novo conceito de “urbe”, criado pelo engenheiro, representa a complexidade da integração de movimentos, diversidade de pessoas e atividades que ocorre em cada quarteirão, conformando bairros com identidades muito diferentes.

Cabe apontar aqui uma descrição sobre o Ensanche feita por Joan Busquets⁶:

“Con todo el Eixample actual es todavía una pieza emblemática de nuestra ciudad. El rigor de su orden geométrico ha permitido la producción de una pieza urbana en la que ha sido posible la instalación de una gran variedad de usos urbanos con una flexibilidad arquitectónica admirable. Además la adaptabilidad morfológica de la manzana cuadrada con chaflanes se demuestra muy potente a juzgar por la cantidad de soluciones diversas en la subdivisión del parcelario, en el uso de los pasajes que atraviesan las manzanas, etc”.

Assim, a interpretação deste grande projeto, que se converteu no centro metropolitano da capital catalã, e da modernidade de suas soluções pode colaborar para a compreensão da realidade atual de Barcelona e extrair elementos valiosos para encarar as novas demandas deste setor da cidade em constante evolução⁷.

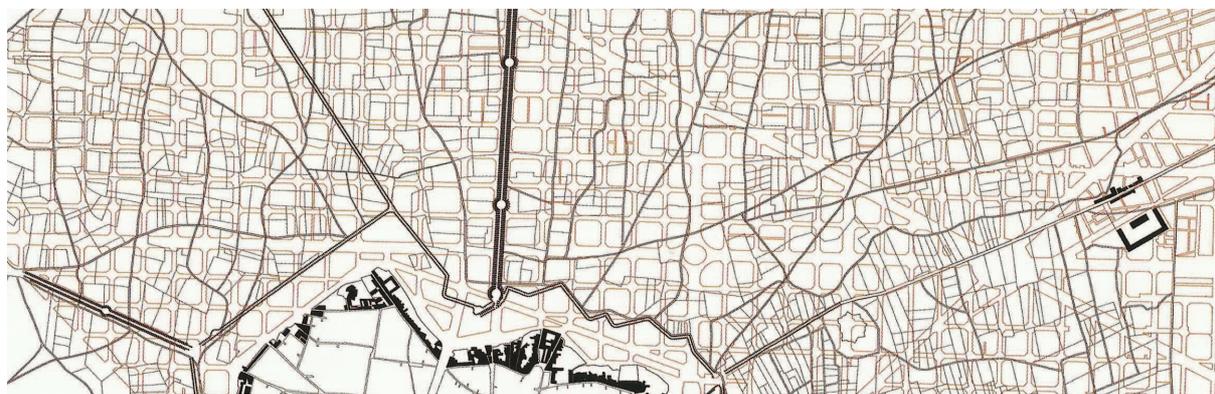


Fig. 1.10- Superposição da divisão de terras agrícolas da planície de Barcelona e a malha do Ensanche.

⁵ Bohigas, Oriol. (1986). *Reconstrucción de Barcelona*. Madrid, p. 60.

⁶ Busquets, J. (1994). *Barcelona: La construcción urbanística de una capital compacta*. Barcelona, p. 301.

⁷ Ajuntament de Barcelona. (2009). *Any Cerdà “La Barcelona del siglo XXI: Nuevos marcos territoriales y económicos”*. Disponível em: <http://www.anycerda.org/web>.

O Ensanche e suas transformações

O Ensanche converteu-se em um dos símbolos de identidade mais claros e característicos de Barcelona. De forma muito resumida, pode-se dizer que o Plano de Cerdà de 1859 criou um sistema uniforme de quarteirões quadrados de 113,3m, com esquinas achaflanadas a 45°, gerando cruzamentos simbólicos que facilitam giros e transbordos, além de dar leveza ao conjunto edificado. Essa malha foi estabelecida sobre o solo agrícola, rodeando a cidade histórica que não foi modificada morfologicamente. Diversas grandes avenidas, em destaque a Diagonal, cruzam a lógica uniforme da malha, cortando e dividindo os quarteirões regulares para criar as conexões arteriais primárias.

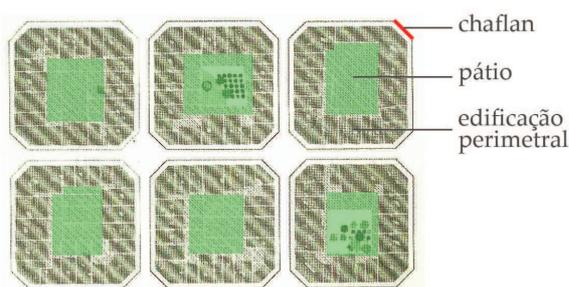


Fig. 1.11- Esquema básico da estrutura de um quarteirão-tipo do Ensanche.

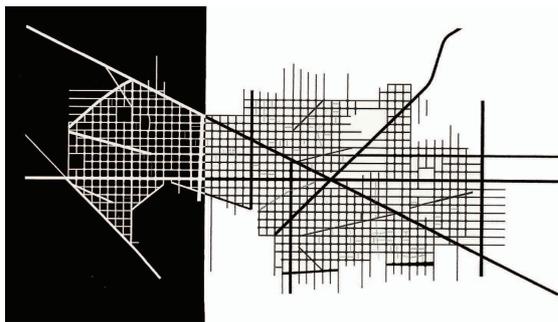


Fig. 1.12- Diagrama do layout do Ensanche.

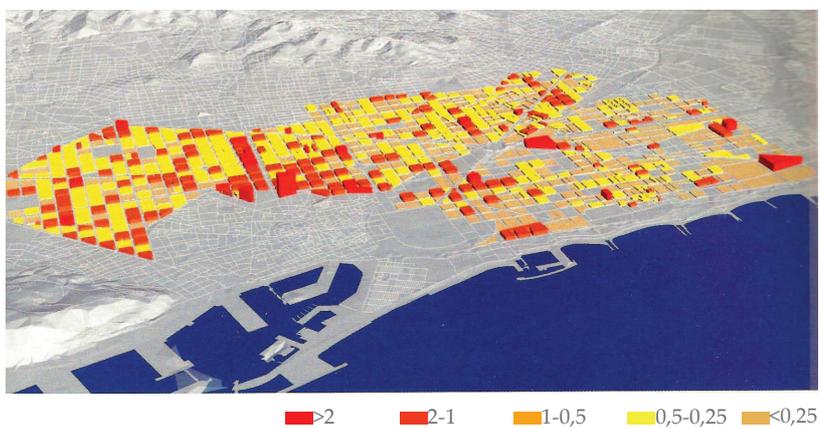
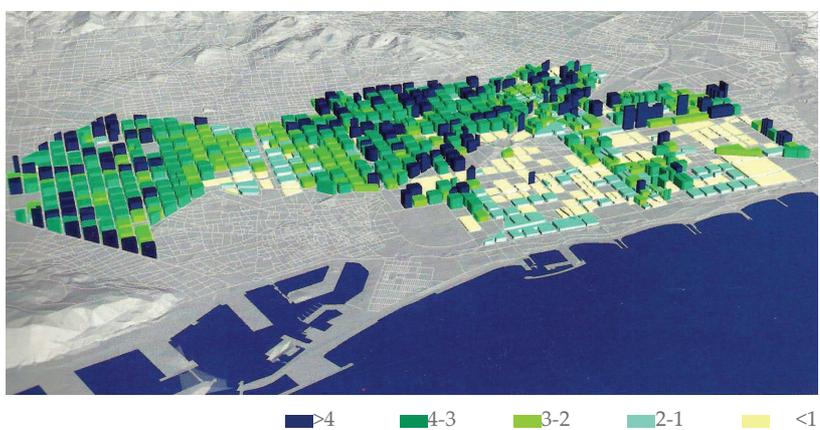
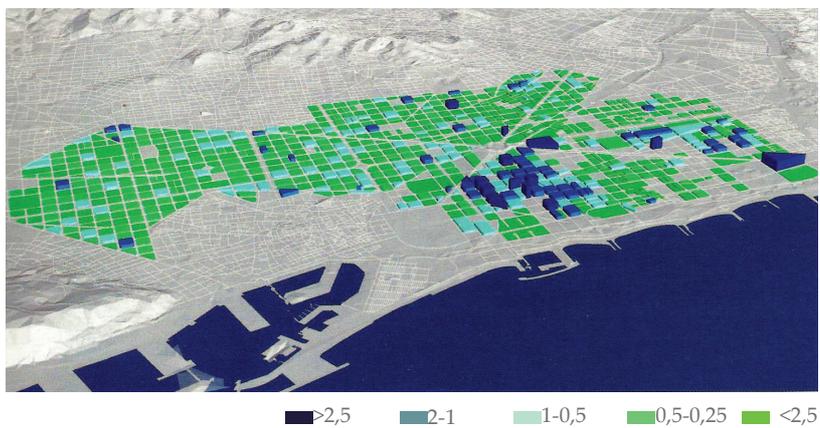
As ruas apresentam 20, 30 ou 50m de largura, característica que define uma hierarquia dentro do conjunto. As ruas de 20m de largura são as mais comuns e ressalta-se o fato de destinarem o mesmo espaço a pedestres e veículos, e ainda a preocupação com a insolação ideal das residências. O forte alinhamento cardinal da rede viária, a relação entre as ruas e avenidas com os quarteirões homogêneos e a evolução da morfologia característica dos quarteirões criam uma seqüência rítmica e uma continuidade visual do corpo edificado.

A importância fundamental da malha é sua imagem potente criada a partir da repetição uniforme da quadrícula. O traçado atual ainda é muito consistente e simbólico, além de definir o Ensanche como uma entidade unitária. O arquiteto Manuel de Solà-Morales⁸ afirma que

“El Ensanche de Cerdà ha dejado para siempre como parte de Barcelona la idea de ciudad racional, avanzada, tanto técnica como socialmente. (...) Es la forma de la cuadrícula física como imagen mental, la evidencia de su permanencia imperturbable, la que permite experimentar aquella idea y aquella consciencia”.

O Ensanche abrange uma área de 880ha, aproximadamente 550 quarteirões e 125km de vias. Os espaços livres somam apenas 5,27% do território, e os equipamentos 7,32%. A população residente é de 308.340 habitantes, o que significa que é uma zona bastante adensada e com pouca oferta de espaços livres e equipamentos por habitante. São 264.500 postos de trabalho que, juntamente com a grande densidade, se compreende alta a edificabilidade dos quarteirões. O teto residencial ocupa 55,89%, e o não-residencial 44,11%.

⁸ de Solà-Morales, M. (2010). *Cerdà/Ensanche*. Barcelona, p. 139.



Figs. 1.13, 1.14 e 1.15- Distribuição das atividades no Ensanche: indústria, residência e comércio, respectivamente.

Pode-se dizer que esta compacidade presente na mistura de atividades, somada à flexibilidade morfológica do tecido, sua elevada oferta de transporte coletivo e serviços definem o Ensanche como exemplo de sustentabilidade urbana. Além disso, a enorme capacidade de transformação deste tecido foi comprovada nas sucessivas mudanças em suas funções e formas urbanas experimentadas desde sua implantação, que serão discutidas mais adiante.

A diversidade funcional, uma das características primordiais do Ensanche, faz com que as diversas atividades urbanas queiram usufruir do mesmo. Oriol Bohigas⁹ aponta *“El peligro de que la parte central se convierta en la city de los negocios se ve forzado a un tiempo por la tendencia concentradora de esta actividad, por la falta de equipamientos que sirvan de base a la residencia, (...) por el sistema de alquiler no rentable, pero también por las actuales ordenanzas que plantean dificultades en la subdivisión de los grandes pisos antiguos”*.

A complexidade urbana deste território é justificada parcialmente por sua dimensão inicial, que permitiu que houvesse espaço suficiente para o elevado número de atividades que ia admitindo com o tempo. Apesar disso, existe um equilíbrio entre residência e terciário.

O tecido morfológico do Ensanche é bastante coerente e facilmente destacável do restante de Barcelona. A partir da unidade básica do quarteirão quadrado surgiram três modelos principais de configuração: o quarteirão fechado, com a típica ocupação periférica das edificações e pátios centrais, o quarteirão com passagem que o atravessa, e o super-quarteirão, que é a ocupação global ou união de mais de um quarteirão.



Fig.1.16- Quarteirão fechado.



Fig.1.17- Quarteirão com passagem.



Fig.1.18- Super-quarteirão.

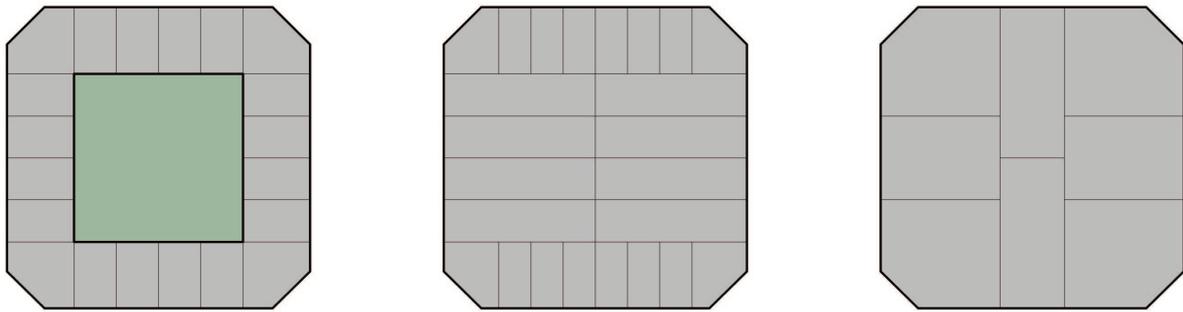
⁹ Bohigas, Oriol. (1986). *Reconstrucción de Barcelona*. Madrid, p. 65.

O quarteirão fechado é proposto para edifícios residenciais de pouca profundidade, restando um grande espaço em seu interior, que são os pátios, elementos singulares do Ensanche. Esta tipologia é ideal para aproveitar o térreo com atividades não-residenciais, ou até mesmo ocupar o pátio com atividades produtivas ou de uso público.

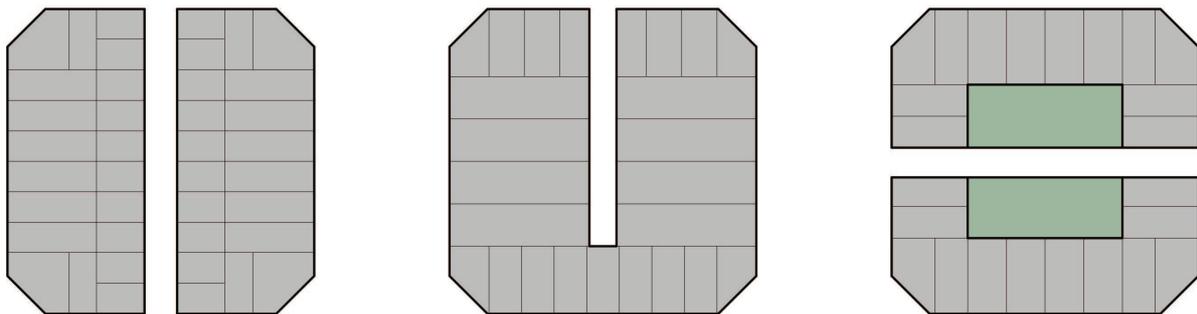
Existem diversos modos de parcelar esta tipologia de quarteirão devido a sua grande dimensão. Os três critérios básicos são: considerar as quatro fachadas por igual ou dar prioridade a duas delas, manter o pátio interior em uma única parcela ou fragmentá-lo em diversas delas, e dar relevância ou não à parcela do chaflan. A partir destes critérios e

suas combinações surgirá um considerável conjunto de modelos de divisão do solo. O quarteirão tipo possui vinte e duas parcelas em media- quatro nos chaflans e dezoito sobre as ruas, o que resulta em quatro ou cinco parcelas sobre cada rua.

O quarteirão com passagem serve como opção específica para fins residenciais, porque existe uma demanda para fachada e não se tem um plano específico para o pátio. Assim, ele é eliminado e faz-se uma passagem que divide o quarteirão em dois, ou até mais partes. Desta forma, há um incremento de 50% de fachada e pode-se construir mais vivendas.



Figs. 1.19, 1.20 e 1.21- Alguns modelos de distribuição e parcelamento do quarteirão fechado: pátio interior, faixas e cruz, respectivamente.

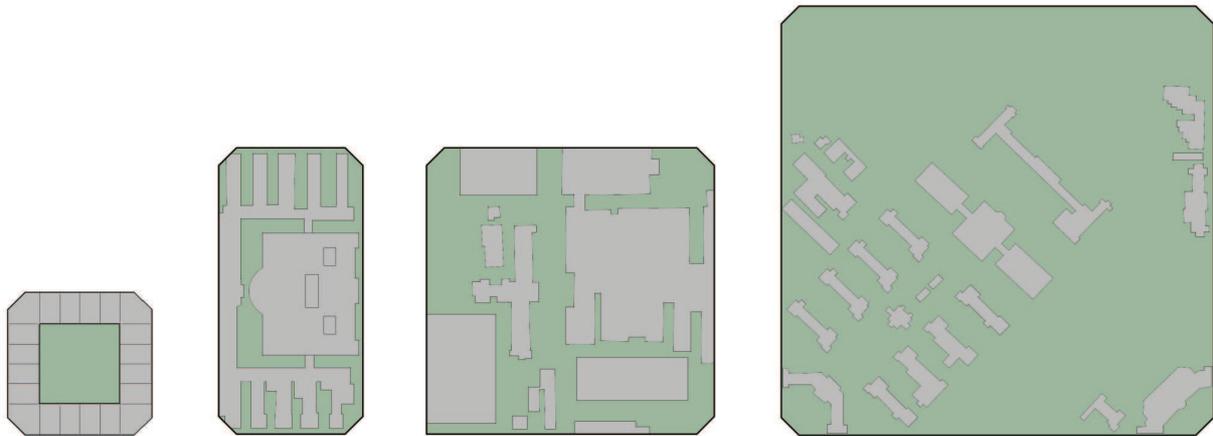


Figs. 1.22, 1.23 e 1.24- Alguns modelos de distribuição e parcelamento do quarteirão com passagem: Passagem Permanyer, Passagem Córsega e Passagem Clip, respectivamente.

Ao introduzir a passagem, existem três opções: considerar as parcelas que dão para a rua como principais e as da passagem como secundárias, considerar todas as parcelas iguais e optar por uma casa suburbana, ou utilizar a passagem como acesso secundário das parcelas principais das ruas paralelas.

O super-quarteirão resolve o problema da falta de espaço para certas atividades específicas. Trata-se, em geral, de propostas de agrupação de quarteirões para usos industriais, ou de equipamentos comunitários em que a fachada não é tão necessária e a própria organização interna do recinto pode dar solução ao problema da ventilação¹⁰. Ou seja, é um modelo que normalmente não apresenta decomposição parcelária interna e sua implantação produz uma repercussão mais visível na rede viária. Em função da superfície necessária, o grau de agregação dos quarteirões vai crescendo, mas sendo sempre equivalente a uma parcela. Existem agrupações de dois, quatro, seis ou até nove quarteirões.

Uma releitura desta tipologia pode ser encontrada no território do Poblenou. Nos anos 30, o Plano Macià oferece uma reinterpretação do Plano Cerdà e propõe converter o traçado em uma nova malha de maior escala- a super malha de três ruas por três ruas- que vai permitir uma forma de edificação aberta, mais higiênica e menos densa. A GATCPAC é respeitosa em relação aos valores do Ensanche, mas denuncia sua densificação abusiva e acredita que a cidade moderna tem exigências de tráfego superiores e a forma de residência necessita de espaços livres para melhor qualidade urbana¹¹.



Figs. 1.25, 1.26, 1.27 e 1.28- O quarteirão-tipo e alguns modelos de distribuição parcelamento do super-quarteirão: Hospital Clinic (equivalente a 2 quarteirões), Escola Industrial (equivalente a 4 quarteirões) e o Hospital de Sant Pau (equivalente a 9 quarteirões), respectivamente.

¹⁰ Corominas i Ayala, Miquel. (2002). *Los Orígenes del Ensanche de Barcelona: suelo, técnica e iniciativa*. Barcelona, p. 144.

¹¹ Busquets, J. (1994). Barcelona: *La construcción urbanística de una capital compacta*. Barcelona, p. 256.

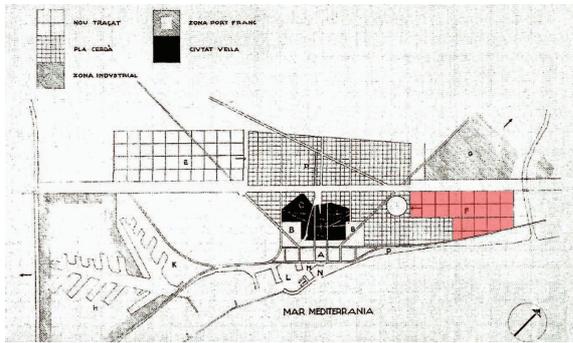


Fig. 1.29- Plano Macià, com destaque para a malha de 400x400m proposta para o Poblenou.

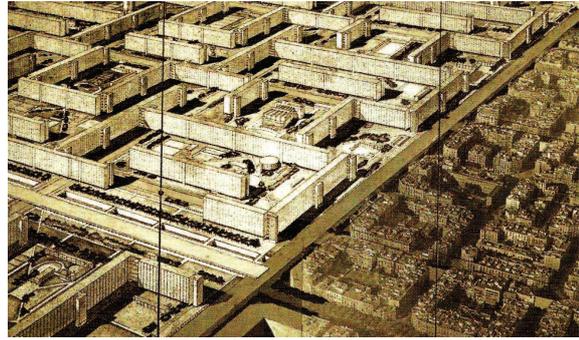


Fig. 1.30- Perspectiva do Ensanche reinterpretado, com os super-quarteirões da GATCPAC na área de Sant Martí.

É indispensável ressaltar a importância das normativas de ordenações de edificação como um dos instrumentos mais eficientes na formalização da cidade e lhe concede perfis característicos, já que a forma edificada tende a identificar-se com o máximo permitido pela ordenação. A ordenação do Ensanche de Barcelona engloba principalmente os quatro elementos seguintes: alinhamento com a rua, a altura da edificação, a profundidade edificável e a regulação da edificação dentro do pátio¹². Estes elementos definiram as diversas ordenações ao longo destes 150 anos, e foram responsáveis por seu intenso adensamento e mudanças significativas em sua morfologia, que muitos consideram como abusivas.

De qualquer modo, estes são os principais períodos que coincidem com as diferentes ordenações:

ordenação	altura máxima	níveis	profundidade máxima	interior dos quarteirões	superfície edificável	seção
Cerdà	16m	térreo+3	26m	espaço livre para jardim	50%	
1860-1890	16m (depois 20m)	térreo+3 ou 4	26m	não se especifica	50% (depois 70%)	
1891-1941	20m (23m em 1932)	térreo+5	28m	4,4m (5,5m em 1932)	73%	
1942-1975	24,4m	térreo+5+ático+ sobre ático	28m	5,5m	73%	
1976	20,75m	térreo+5+ático	26m	4,5m. Estímulo a usos coletivos e verde	70%	
1986	20,75m	térreo+5+ático	26m	propostas de espaços públicos	70%	

Fig. 1.31- Tabela 1: As ordenações do Ensanche.

¹² Busquets, Joan; Corominas i Ayala, Miquel. (2009). *Cerdà i la Barcelona del futur: realitat versus projecte*. Barcelona, p.211.

¹³ de Solà-Morales, M. (2010). *Cerdà/Ensanche*. Barcelona, p. 53.

¹⁴ de Solà-Morales, M. (2010). *Cerdà/Ensanche*. Barcelona, p. 137.

Apesar das dificuldades surgidas com esta transformação tão intensa, o Ensanche consegue manter ainda suas características primordiais e, como afirmou Solà-Morales¹³, seu traçado ficou como elemento permanente e expressivo da forma cidadã ao longo dos anos. Em relação às várias ordenações, o mesmo Solà-Morales¹⁴ vai dizer que *“se consolidará, entre abusos y deformaciones, un tejido urbano que, por su escala y coherencia propias, aparece hoy como asombrosamente perfecto y apropiado a las exigencias contemporáneas”*.



Figs. 1.32 e 1.33- Vista aérea de parte do Ensanche central em 1929 e depois a mesma área em 1980. Nota-se o claro adensamento do volume edificado.

Como se pôde ver na tabela anterior, o Plano Geral Metropolitano (PGM) foi o primeiro passo para a recuperação do Ensanche, reduzindo a ocupação dos quarteirões e estabelecendo atuações importantes de espaços públicos e coletivos. Essas e outras bases gerais foram criadas para uma transformação específica desta peça emblemática da cidade, política que faz parte do chamado Modelo Barcelona¹⁵.

O tratamento deste setor continua em 1986 com a Ordenação de Reabilitação e Melhora do Ensanche e mais tarde em 1994 com sua Modificação. Ambas propuseram atuações de caráter estrutural adaptadas às novas dinâmicas do território, principalmente em relação à edificação, estratégias sobre a atividade central, consolidação de equipamentos e a reutilização das grandes ruas¹⁶. Em 94, enfatizou-se na recuperação de pátios do interior dos quarteirões para incrementar a oferta de espaços livres.

Em 1996, a Prefeitura da cidade toma outra iniciativa para a reativação integral do Ensanche através do Programa ProEixample. Esta empresa, de capital público e privado, favorece a renovação de espaços públicos e reforça de maneira significativa o processo de recuperação de pátios de interior, criando um modelo de estrutura complementar para superar o déficit de espaços livres do setor.

¹⁵ Busquets, Joan; Gómez Ordoñez, José Luis. (1983). *Estudi de l'Eixample*. Barcelona, p. 12.

¹⁶ Borja, J. (1995). *Barcelona: Un modelo de transformación urbana*. Quito, p. 69.

Os projetos urbanísticos mais atuais já demonstram consciência da importância destes espaços para a melhoria da qualidade urbana. Exemplo disso é o projeto 22@, que destina 400.000m² para equipamentos e 114.000m² para zonas verdes.

O Ensanche vem se apresentando como tecido urbano adequado à experimentação de novas propostas arquitetônicas. A grande flexibilidade dos instrumentos de uso do solo permitiu que o parcelamento e a construção pudessem ser realizados com autonomia. Além disso, a versatilidade da cidade em malha possibilita adaptar seu desenho à evolução de funções da cidade, sempre com o cuidado de não desequilibrar a forma urbana que diminui o valor da quadrícula.

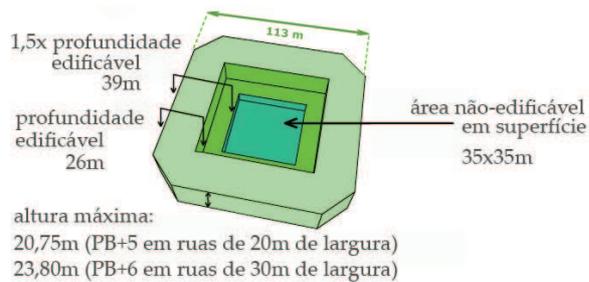


Fig. 1.34- Nova ordenação do quarteirão do Ensanche, agora com maior grau de proteção para os pátios.

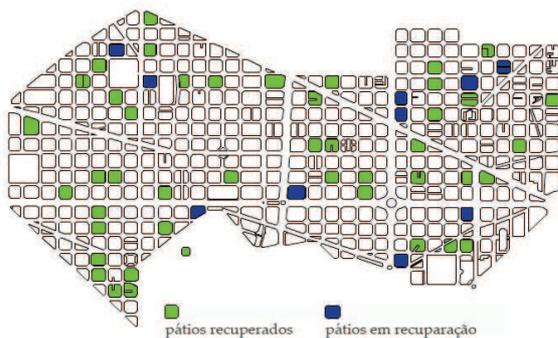


Fig. 1.35- Mapa de pátios recuperados pelo Programa ProEixample, até o ano 2009.

Neste contexto, Solà-Morales¹⁷ destaca o bairro do Poblenou que

“Cuando hoy vemos en el Poblenou (...) cómo la marca decidida de la red ortogonal se ha impuesto a catastros preindustriales o bien configura novísimas arquitecturas, reconocemos que la fidelidad y la exactitud de esta cuadrícula son características permanentes en la forma actual de Barcelona”.



Fig. 1.36- Perspectiva do Poblenou, 1930.



Fig. 1.37- Perspectiva do Poblenou no distrito 22@, 2009. Nota-se os diferentes alinhamentos resultantes dos desenvolvimentos urbanos superpostos.

¹⁷ de Solà-Morales, M. (2010). *Cerdà/Ensanche*. Barcelona, p.139.

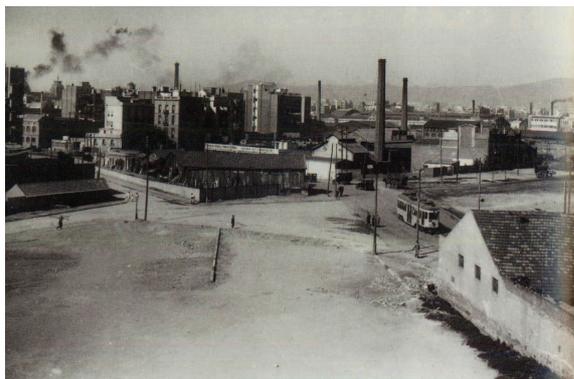


Fig. 1.38- Paisagem industrial no Poblenou, década de 1930.



Fig. 1.40- Prolongação do Ensanche no frente marítimo. Novas derivações do quarteirão para as Olimpíadas de 92.

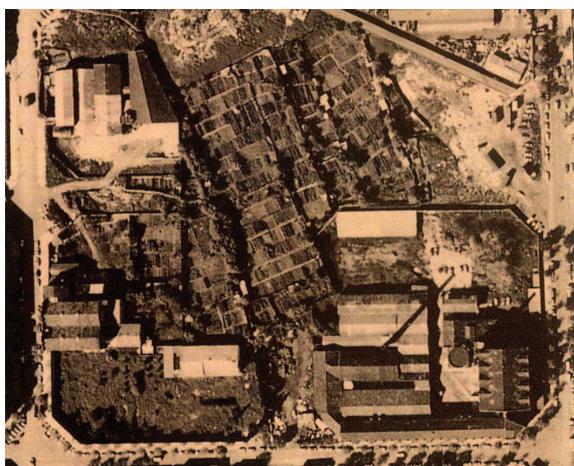


Fig. 1.39- Fragmentos do fotoplano de 1980. Atividade agrícola ainda existente no Poblenou, intercalando-se com o tecido do Ensanche.



Fig. 1.41- Paisagem da Avenida Diagonal, no atual Distrito 22@ com sua arquitetura contemporânea.

O Poblenou pode ser entendido como um território formado pela justaposição de distintos tecidos. O solo originalmente agrícola, seu passado industrial, a presença do Ensanche e o atual distrito 22@ conformam um território rico e um espaço de experimentação de novas formas urbanas. Durante muitos anos, o crescimento do Poblenou seguirá direções de ordenações próprias, adaptando os novos programas funcionais à idéia original do quarteirão.

De fato, as experiências de renovação deste Ensanche oferecem algumas releituras interessantes do Plano Cerdà. É no Poblenou que o Ensanche multiplica sua riqueza formal, tanto no seu parcelamento quanto nas fábricas que se distribuem oportunamente neste território, sem nunca renunciar às moradias e ao alinhamento com as ruas, gerando resultados singulares que enriquecem o extenso e variado repertório de soluções presentes neste espaço¹⁸.

¹⁸ Busquets, Joan; Corominas i Ayala, Miquel. (2009). *Cerdà i la Barcelona del futur: realitat versus projecte*. Barcelona, p.216.

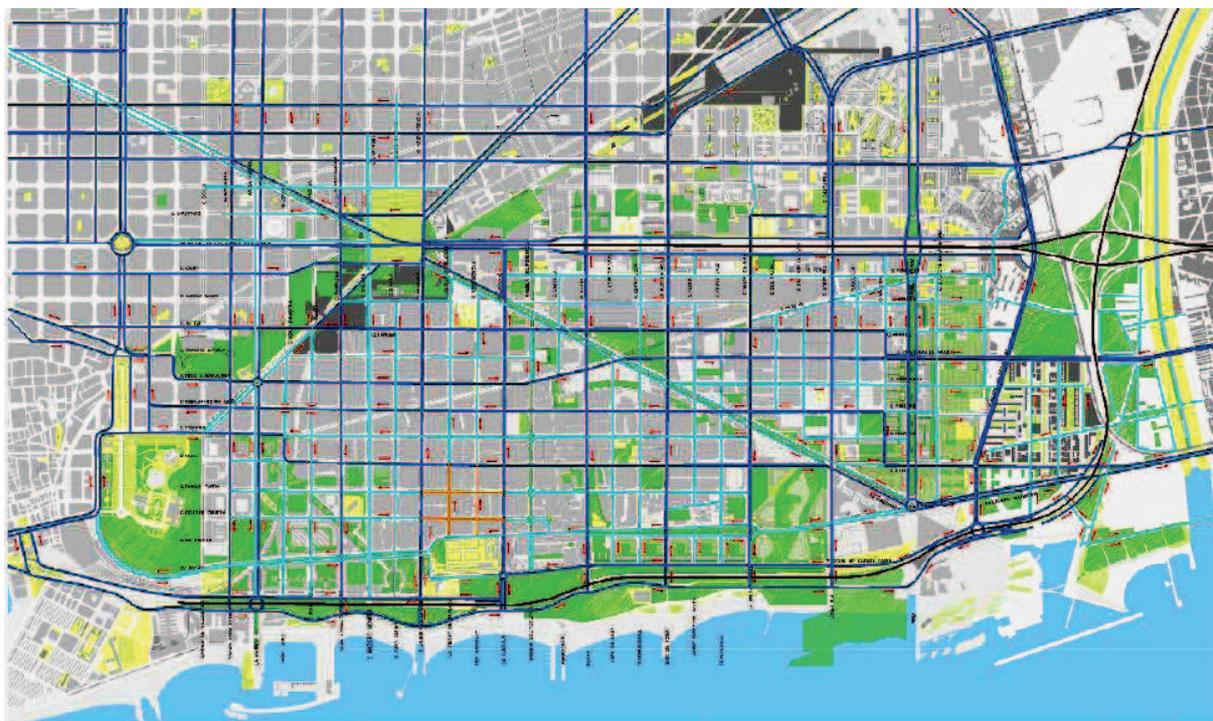


Fig. 1.42- Vias primárias de trânsito no Poblenou (em azul escuro) evidenciam a super-malha da GATCPAC no tecido urbano. Plano geral de hierarquia de vias.

O distrito 22@ é a combinação de pré-existências e projetos urbanos, representando principalmente uma síntese histórica do Plano Cerdà e do Plano Macià da GATCPAC. A quadricula regular do Ensanche é reinterpretada em algumas áreas com o “macro-quarteirão”, que busca uma hierarquia superior no sistema viário de três por três quarteirões, e uma concepção renovada da edificação, mais aberta e com mais espaços livres. Em seguida, a continuação da Diagonal ao Fórum representa mais um passo à transformação do extremo nordeste da cidade e um reconhecimento do Plano Cerdà.

Assim, o Poblenou pode ser considerado um exemplo de território que evoluiu aproveitando a grande adaptabilidade de sua morfologia urbana e todos os projetos urbanísticos ali realizados. Sobre este setor, Borja¹⁹ comenta que

“reinterpreta el Plan Cerdà a partir de un ajuste mínimo de las características formales en que se ha venido produciendo el Eixample en lo que va de siglo, se propicia un rico repertorio tipológico y así se sientan bases para su modernización”.

Estruturas pré-existentes do Poblenou se modificaram, adaptando seu sistema urbano aos fenômenos inovadores, que na maioria das vezes resultou em uma melhora significativa de condições ambientais e urbanas.

¹⁹ Borja, J. (1995). *Barcelona: Un modelo de transformación urbana*. Quito, p. 96.